

A POSIÇÃO-LEITOR DE REVISTAS IMPRESSAS: UM GESTO DE INTERPRETAÇÃO

Cláudio Gonçalves Gomes¹

Palavras introdutórias

A mídia como uma das instâncias de poder na contemporaneidade faz circular, (re) produzir, silenciar discursos. Tornou-se clichê afirmar que a imprensa é o quarto poder, mas talvez seja pertinente dizer que a mídia ocupa um lugar hegemônico, condensando e comando outros poderes (POSSENTI, 2007). Dessa forma, é de suma importância compreender o funcionamento dos discursos no campo midiático, como os sentidos são produzidos pelos sujeitos, como as formações discursivas determinam o que pode ser dito, entre outras questões.

Neste trabalho, nos propomos a analisar o discurso sobre a língua na mídia impressa, mais especificamente a revista *Língua Portuguesa*, veiculada em bancas de jornal de todo o Brasil. Para este artigo, recorreremos ao conceito de leitura e a posição-leitor nele imbricado e como este produz efeitos de sentido. Este trabalho se assenta, portanto, nos fundamentos teóricos da análise do discurso francesa, sobretudo nos trabalhos Michel Pêcheux ([1988] 2002), Orlandi (2012), entre outros.

Assim, este trabalho se organiza da seguinte forma: primeiro, discorreremos sobre as mídias como um dos dispositivos de espetacularização e de pedagogização. Depois, concentrar-nos-emos nos aspectos da mídia impressa, no que concerne a sua segmentação. Em seguida, exporemos os princípios teóricos da análise discurso francesa (doravante AD) que fundamentarão a nossa análise, sobretudo no que se refere à leitura. Por fim, debruçar-nos-emos sobre o *corpus*, visando identificar os gestos de interpretação da posição sujeito-leitor e os efeitos de sentidos engendrados por esse lugar discursivo.

As mídias: dispositivos espetaculares pedagógicos

¹ Doutorando pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), orientado pela prof. Dr.^a Iracema Luiza de Sousa, com o projeto de tese *A construção da imagem da Língua Portuguesa em revistas impressas: uma leitura discursiva*.

As mídias caracterizam-se por ser vinculadora de sentidos. Contudo, mais do que isso, ela seleciona, reprocessa vários tipos de discursos, tendo vista que, na sua transmissão, “ela também anula, omite, exclui e impõe sentidos [...]” (ROCHA, 2012, p. 193).

Cabe lembrar que as mídias constroem discursivamente a espetacularização do acontecimento. Pêcheux ([1988] 2002), por exemplo, em *Estrutura ou Acontecimento*, mediante a análise do enunciado *on a gagné*, utilizado pelos manifestantes durante a comemoração da vitória de F. Mitterrand na eleição presidencial francesa em 1981, mostra que o jogo metafórico em torno desse enunciado sobredetermina o acontecimento, visto que há deslizamentos de sentidos do campo esportivo para o campo político. Com efeito, segundo o autor, há um jogo de retomadas, deslocamentos, de inversões que havia começado muito antes desse enunciado ser produzido.

Além da espetacularização do acontecimento, pode-se dizer que as mídias têm ocupado, cada vez mais, uma função pedagógica. Elas operam como dispositivos pedagógicos, o que equivale dizer que estas agenciam saberes e discursos, colocando em jogo “[...] uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político, a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre ‘si mesmo’, à revelação permanente de si [...]” (FISHER, 2002 p. 155).

Revistas impressas: um mercado cada vez mais segmentado

As revistas estão em todas as partes: escritórios, consultórios, escolas, universidades, etc. As bancas de revistas estão repletas delas, convidando o leitor, dos mais variados segmentos, a folheá-las, compulsá-las, olhá-las. E nesses gestos o leitor mergulha num universo de valores, de estéticas, de visualidades que o “convidam” a participar do consumo.

A partir da década de 80, de acordo com Mira (1988) houve uma segmentação das revistas. Essa segmentação decorreu da crise do capitalismo, desencadeado pela crise do fordismo, gerando mudanças nas relações do mercado e nos padrões de consumo (MIRA, 1988) Em decorrência disso, as empresas passaram a adotar a flexibilização como fio condutor de suas ações, visando atender às demandas específicas. Assim, surgem revistas, as mais variadas, para atender a públicos cada vez mais específicos. Como exemplos, podemos citar revistas *Veja*, *Isto É*, *Época*, *Playboy*, *Capricho*, *Nova Escola*, entre outras.

A revista língua portuguesa: uma breve caracterização

A revista *Língua Portuguesa* constitui uma publicação da Editora Segmento. Desde 1993, atua no mercado de mídias segmentadas, voltado para professores, estudantes (ensino médio, graduação e pós-graduação) e interessados nos temas abordados pelas revistas. Além da revista *Língua Portuguesa*, a Editora publica outras revistas direcionadas para o universo pedagógico, tais como as Revista Educação, Ensino Superior, Escola Pública, Educação Infantil, Cálculo e Melhor, além de guias e anuários².

A revista *Língua Portuguesa* busca identificar e colocar em discussão os aspectos mais relevantes da língua e da fala brasileira. A cada edição procura orientar e ajudar seus leitores a esclarecer dúvidas a respeito de concordância, grafia, pronúncia, acentuação, uso do plural, vícios de linguagem, origem das palavras, entre outras.

De acordo com seu editor, o professor-jornalista Luiz Pereira Costa, o interesse pelo português vai além de aspectos gramaticais. Portanto, a proposta da Revista é discutir a riqueza da língua em suas variedades. Para Luiz Pereira Costa³, dominar o idioma nas modalidades orais e escritas constitui uma ferramenta para o profissional e, portanto, para a cidadania. Por conseguinte, a revista nasce com o papel de atender a essa demanda, colocando para o leitor o universo da língua.

Leitura: uma abordagem discursiva

A leitura tem sido objeto de inúmeras pesquisas (DELL'SOLA, 2001; KATO, 2000; KLEIMAN, 1989, 2000; SILVA, 2003). Na perspectiva adotada pelos autores acima referidos, a leitura é uma atividade de produção de sentidos que acontece na relação autor, leitor e o texto. Está nos pressupostos desta concepção de leitura um sujeito cognitivo, que mobiliza uma série de estratégias, com base em conhecimentos linguísticos, socioculturais, textuais, enciclopédicos, para a construção de sentidos.

Apesar da relevância desta concepção para o construto teórico da leitura, adotamos o ponto de vista da análise do discurso francesa (AD), para a qual o sujeito não é tomado por sua individualidade, mas sim como sujeitos que ocupam uma posição, um lugar, socio-historicamente determinado. Para Courtine (2009, p 88) a posição- sujeito indica “[...] uma relação determinada

² Tais informações se encontram no Facebook da Editora em: <<https://www.facebook.com/ed.segmento/info>>. Acesso em: 10 abril 2013.

³ COSTA, Luiz Pereira. Língua. Em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/fixos/a-lingua-243330-1.asp>>. Acesso em: 10 de abril 2013.

que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada formação discursiva (FD)”. Assim, diferentes sujeitos ligados à mesma FD podem ocupar diferentes posições sujeito.

Para AD, o sujeito, portanto, produz sentidos a partir de uma posição que se vincula a FD, ou seja, o que pode e deve ser dito numa dada conjuntura, numa dada formação ideológica (PÊCHEUX, [1975], 2009). Para AD, portanto, os sentidos não estão na língua, na ordem do significante, mas dependem das relações estabelecidas entre a exterioridade e os processos discursivos.

O leitor da revista: a posição-sujeito

Ler é interpretar. Em qualquer manifestação da linguagem ela está presente (ORLANDI, 2012). Autor e leitor são posições discursivas que, com seus gestos de interpretação, produzem sentidos. Como vimos, para AD, os sentidos não se fecham em si mesmos, embora o sujeito tenha ilusão de que eles possam ser domados, controlados. Nas palavras de Pecheux ([1988] 2002 p. 55): “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de **pontos de deriva** (destaque nosso) possíveis, oferecendo lugar à interpretação”. Portanto, as derivas, os pontos de fuga, os lapsos é que caracterizam os processos discursivos. Assim, o sujeito leitor, na condição de sujeito discursivo, é afetado pelas formações ideológicas e formações discursivas com as quais ele se identifica, contraidentifica ou desidentifica.

Começando a análise: procedimentos metodológicos

O nosso *corpus* é constituído de cartas dos leitores, no período de 2009 a 2013. As cartas do leitor são gêneros discursivos e como tais são definidos como tipos “relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, [1979] 2011). Cabe ressaltar que, para o autor, os gêneros apresentam conteúdo temático, estilo e construção composicional. A carta do leitor revela o posicionamento positivo ou negativo do leitor em relação ao que mostrado nos jornais/revistas. É utilizado pelo leitor para que possa denunciar, criticar, elogiar, estabelecendo um simulacro de interação com os jornais e revistas. Segundo Costa (2005), as cartas do leitor caracterizam um tipo de dispositivo para divulgação de problemas, oferecendo ao jornal/revista um tipo de termômetro para compor o perfil do seu leitor.

No caso da revista *Língua Portuguesa*, a carta do leitor apresenta-se como um espaço opinativo para professores, estudantes, profissionais liberais, entre outros para discursivizarem sobre aspectos linguísticos (pontuação, vírgula, pleonasma, etc.).

Denominamos as cartas como sequências discursivas (SD), ou seja, “sequências orais ou escritas de superior de dimensão superior à frase” (COURTINE, 2009, p. 55), tendo em vista o objetivo proposto neste trabalho: analisar os gestos de interpretação da posição-sujeito leitor na produção de efeitos de sentidos materializados nas formulações linguísticas desse gênero discursivo. Separamos, também, as sequências discursivas, conforme ano da Revista e títulos das cartas.

O corpus

REVISTA LÍNGUA, ANO 3, N. 43, MAIO de 2009

Internetês

SD1: Em uma das instituições em que trabalho, o tema do material didático para março foi a internet. Em sala debatemos uma reportagem de vocês (Língua 40, fevereiro). Um momento proveitoso! Agora, incentivei os alunos a enviarem e-mail para a revista-excelente suporte para o professor!

Romulo Farias de Oliveira, Cachoeiro de Itaperim (ES)

Vírgula

SD2: Parabéns a Josué Machado pelo excelente “pausa duvidosa (Língua 42)”. Um texto claro e objetivo, crítico na medida certa e como uma ironia de “tirar o chapéu”. Parabéns e aguardo o próximo artigo

Luiz Rogério Paula Júnioirm por e-mail

ANO 4, 53 MARÇO de 2010

Português 2010

SD3: Muito útil as regras sobre os “erros de orto (grafia)” no “Prepare seu português” (Língua 51, janeiro), a fim de iniciarmos a comunicação por meio de uma linguagem mais clara em suas regras. Obrigado!

ANO 5, N. 63, JANEIRO 2011

Pleonasmo

SD4: Gostaria de dar a minha opinião a respeito do artigo de Josué Machado, intitulado “pleonasmo da criação” (língua 61, novembro). Quando dique um autor lançou um novo livro, estou dizendo que ele lançou outro livro, não um livro novo. Da mesma forma, criar novos empregos não significa criar empregos novos, mas criar outros empregos. Antes do nome, o adjetivo tem valor conotativo; depois do nome, tem valor denotativo.

Um abraço fraterno do

José Augusto carvalho

Gramático

Resposta de Josué Machado

SD5: José Augusto tem razão, só que o texto limita-se a apontar certo conflito entre “criar” e “novo”. Apesar da semelhança, nada a ver com “lançar”, “escrever” e outros.

SD6: Conheci a revista agora, li Língua 59(setembro) muito interessante. Sou professora e recém-graduada em Letras pela UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Parabéns pela “Carta aos Leitores”. Concordo com o que foi proposto no editorial, pois estamos nos policiando o tempo todo quanto ao uso oral da linguagem. Precisamos expor às pessoas que o estudo do idioma vai além do ensino da gramática.

Eliane de Jesus

Apuarema

ANO 7, N. 77 MARÇO de 2012

Reescrita

SD7: Reescrever não é propriamente uma arte, como vocês disseram na revista (língua 76, fevereiro), mas o material apresentado na edição mostra que, desde que haja empenho, mesmo um texto inicialmente mal escrito pode ficar muito bom. Cansei daquelas fórmulas mágicas de escrita e vocês não enganam nem prometem o impossível.

Parabéns!

Tadeu Santoro (SP)

De zero a seis

SD8: A expressão “crianças de zero a seis anos” (coluna Dito & escrito, Língua 75, janeiro) tem sua estranheza e inconsistência baseadas no uso pouco feliz da expressão de idade em termos de números cardinais, e não de ordinais, na nossa formação linguística. Como se fala em “três” anos de idade (completos) e não no “quarto” ano de vida, tende-se a usar o número cardinal “zero” para o primeiro ano de vida, quando, na verdade, se deveria utilizar, nesse caso particular, a expressão “primeiro ano”, que, de fato, será completado ao final desse período, quando a criança aniversariar pela primeira vez.

Wilson Aragão, professor doutor do Departamento de Engenharia Elétrica da UFES. Vitória (ES).

Separação

SD9: Professora do ensino médio, técnico e superior, costumo trabalhar os conteúdos da revista em sala de aula. Só tenho elogios. Hoje, por necessidade, consultei as edições nos últimos dois anos buscando um assunto. Não encontrei matéria sobre ele, por isso, gostaria de sugeri-lo: separação silábica. Observo em redações a dificuldade que os alunos têm para separar sílabas. Uma amiga pedagoga me disse que, no processo de alfabetização, não há um enfoque para a separação silábica e sinto que o aluno está ficando deficiente neste assunto tão “básico”.

Lucivânia Antônia da Silva Perico, São Bernardo do Campo (SP)

ANO 8, N. 88, 2013

Referência

SD10: Sou professor da rede estadual em Sergipe. Este ano, Língua estará em minha lista de referência bibliográfica para compor meu plano de curso.

Robson Mistersilva, Itaporanga d’Ajuda (SP)

Culta X popular

SD11: José Augusto Carvalho (Língua 86, p. 53) critica “Os linguistas que privilegiam a fala popular em detrimento da norma culta, sob a alegação de que o português falado no Brasil é outra língua diferente do português falado em Portugal...”. Admito que, em mais de trinta anos lendo linguística, nunca encontrei esta tese. Já vi a defesa de que PB e PE são duas línguas (em geral, com base na sintaxe, e nas pronúncias regionais, que há conservadorismo em demasia na definição da norma culta do Brasil, etc., mas não vi, até hoje, textos em que se privilegie a fala popular em detrimento da norma culta). Queria uma referência, para talvez criticar a tese, sem, no entanto, cair nas diversas confusões daquele parágrafo.

Sírio Possenti, colunista

A análise

Nas SD1 e SD2, a posição-sujeito leitor converge para um posicionamento de identificação com a revista. Esse artefato funciona com suporte pedagógico para o professor em sala de aula. Em SD2, a posição-sujeito identifica-se com um discurso da posição-autor jornalista, colunista da revista que aborda questões da língua do ponto de vista normativo.

Em SD3, verificamos a posição-leitor vinculada a uma formação discursiva normativa em que dominar regras gramaticais é fundamental para a boa comunicação entre os seres humanos. Nesse sentido, há um processo de identificação com a formação discursiva que domina essa posição sujeito.

Nesse recorte, temos três sequências discursivas SD4, SD5, SD6. Em SD4, a posição-sujeito é do sujeito gramático que comenta, esclarecendo pontos relativos ao pleonismo, elencados no artigo na posição-sujeito jornalista. Este aspecto gramatical, visto geralmente como vício de linguagem, constitui uma das seções de inúmeras gramáticas, entre as quais destacamos (BECHARA, 2001), que circulam no mercado. Embora seu dizer se ancore numa FD prescritiva, a posição-sujeito se contrai-identifica como uma das explicações normalmente dadas nas gramáticas e reproduzidas pela posição-sujeito jornalista Josué Machado.

Em SD5, a posição- sujeito se vincula a uma FD atrelada aos saberes da linguística que apresenta, em sua semântica, nos termos de Maingueneau (2005), o ensino da norma culta e da variação linguística, o ensino da língua em uso, o ensino da gramática vinculado à leitura e produção do texto, etc. Nesse sentido, há identificação com esses saberes e uma contrai-identificação com os saberes dominantes.

Em SD6, a posição-sujeito leitor se contrai-identifica com o discurso no qual escrever é uma arte. A despeito disso, a orientação argumentativa marcada pelo lexema *mas* aponta para uma

identificação com os demais saberes da FD discursiva a que se vincula o texto na qual escrever exige esforço, desempenho, enfim, um trabalho sobre a textualidade.

Em SD10, a posição-sujeito-leitor se identifica com a linha editorial da revista, inserindo-a na composição do planejamento pedagógico.

Em SD8, a posição-sujeito professor universitário se posiciona na função de discordância em relação ao uso da expressão de *zero a seis anos* que caracteriza a formação linguística. Para explicá-la recorre a saberes lógicos, numa perspectiva homogênea no que concerne à língua. Nota-se, por conseguinte, que o atravessa uma FD prescritiva que determina o que deve e pode ser dito e, conseqüentemente, o que não deve e não pode ser dito. Dessa forma, defende o que deve ser dito nesse contexto, desconsiderando o uso que os falantes têm adotado quanto à expressão *de zero a dois anos*.

Em SD9, a posição-sujeito, professora que ministra aulas no ensino médio e superior revela sua identificação com os saberes da revista e sugere a inclusão do item separação silábica ausente na revista. É interessante observar que o gesto de interpretação dessa posição-sujeito, considera a relevância de se ensinar esse aspecto gramatical, tendo em vista as dificuldades demonstradas por seus alunos nas redações. Destaca-se, por outro lado, na heterogeneidade discursiva, a marca do outro presente. Assim, a utilização das aspas caracteriza a heterogeneidade marcada no fio discursivo, conforme Authier-Revuz (2004). Nesse sentido, a posição sujeito marca sua distância da voz que compreende a separação silábica como um aspecto gramatical sem relevância no ensino.

Em SD10, a posição-sujeito-leitor se identifica com a linha editorial da revista, inserindo-a na composição do planejamento pedagógico.

Por fim, nas SD finais, a posição-sujeito linguista comenta a crítica realizada pela posição-sujeito José Augusto Carvalho. Parece-nos que há FDs, explicitamente, em confronto. Se não, vejamos: a posição-sujeito do colunista Sírio Possenti se vincula a uma FD científica da linguística, partindo do pressuposto de que ela seria um discurso tradutor do discurso do senso comum, que reproduz os ditos dos saberes da gramática tradicional. Dessa forma, a posição-sujeito José Augusto vincula-se a essa FD. Com efeito, no discurso dessa posição sujeito está subjacente um simulacro do que postulam os linguistas em relação à norma popular, já que para a posição-sujeito linguista isso não se sustenta.

À guisa de conclusão

O sujeito-autor assim como o sujeito-leitor são posições discursivas que estão atreladas a formações discursivas, determinadas pelas formações ideológicas. Para este trabalho, escolhemos a

posição-sujeito leitor da *Revista Língua Portuguesa*, materializada no gênero carta de leitor no intuito de identificarmos os seus gestos de interpretação na produção de efeitos de sentidos.

A partir do *corpus* selecionado para análise pudemos depreender alguns gestos de interpretação das posições-sujeito identificadas. Em primeiro lugar, podemos observar que há um processo de identificação com os saberes das FDs, produzidos nos gêneros discursivos que formatam a revista. Nesse sentido, o gesto de interpretação da posição-sujeito reforça a imagem da revista atrelando a ela valores como utilitarismo, clareza, criatividade, entre outros.

Por outro lado, verificamos que existem posições-sujeito que se vinculam a uma FD normativa, em que os dizem sobre o que deve e pode ser dito, o que deve ser e pode ser escrito se circunscrevem aos saberes da gramática tradicional. Por fim, encontramos a presença de posições-sujeito que se vinculam aos saberes, oriundos da FD científica linguística no que concerne à língua e ao seu ensino, embora com menor ocorrência. Sendo assim, vislumbramos dois discursos que convivem nos espaços discursivos da Revista. E é nesses espaços que as posições-sujeito apresentam seus gestos de interpretação, ora vinculando-se a uma tendência mais conservadora em relação à língua, ora uma tendência mais progressista em relação a ela.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDUPCS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2011. (1979).

COSTA, Solange Garrido da. **Carta de leitores: gênero discursivo: porta-voz de queixa, crítica, denúncia no jornal *O Dia***. In: *Solettras-Revista do Departamento de Letras da UERJ*, n. 10, 2005 p. 28-41. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/solettras/10/03.htm>>. Acesso em: 11 abr. 2013.

COSTA, Luiz Pereira. **Língua**. Em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/fixos/a-lingua-243330-1.asp>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

COURTINE, Jean Jacques Courtine. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EduFScar, 2009.

DELL'SOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

EDITORA Segmento. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ed.segmento/info>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

FISHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia:** modos de educar na (e pela) TV. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p 151-162, jan./ jun. 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos de leitura. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 7. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.

MANGUENEAU, Dominique. **Gêneses do discurso.** Curitiba: Criar, 2005.

MIRA, Maria Celeste. **Constituição e segmentação do mercado de revistas no Brasil:** o caso da Editora Abril, 1998. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/1998/gt22/GT2207.PDF>>. Acesso em: 9 abr. 2013.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 6. ed. São Paulo: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Pucinelli Orlandi. 3.ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et e al. 4.ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. 1975.

POSSENTI, Sírio. Uma leitura política. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. **Poder-saber-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade.** Vitória da Conquista: Edições UESb, 2007.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **Operadores discursivos da mídia impressa:** uma possibilidade de análise. In: mídia impressa para além do bem e do mal: estudos sobre revistas. ABREU, Bento Fagundes de; ALMEIDA, Tânia Silva de; ROCHA, Cristianne Maria Famer (org.). Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Unidades de leitura-** trilogia pedagógica. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.